

O IMPASSE DA NARRADORA-PERSONAGEM ONISCIENTE DE *TURISMO PARA CEGOS* QUE ANSEIA OCUPAR O LUGAR DA PROTAGONISTA

Autor: Rafaela da Silva Lima (1); Co-autor: Cristina Hellen de Moraes Ferreira (2);
Orientador: José Leite de Oliveira Júnior (3)

1. Universidade Federal do Ceará (UFC)
rafaelalima64@hotmail.com
2. Universidade Federal do Ceará (UFC)
cristinahellen_2@hotmail.com
3. Universidade Federal do Ceará (UFC)
leiteufc@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho analisa o impasse que há na figura da narradora do romance *Turismo para cegos*, de Tércia Montenegro (2015), que retrata o momento da vida de uma jovem professora de artes plásticas, Laila, que está passando por um processo de perda da visão, pelo desenvolvimento de uma retinose, doença incurável. Conforme a cegueira vai se desenvolvendo, tarefas comuns vão tornando-se grandes desafios. A história é narrada pela atendente de um *pet shop*, onde o cão-guia é comprado, que acaba se tornando próxima de Pierre, companheiro de Laila. Mesmo sendo personagem-narradora, a atendente do *pet shop*, apresenta ciência dos pensamentos e emoções dos outros personagens. A investigação considera a relação oscilante na condução do relato, ora onisciente, ora limitado e testemunhal, dado que se complexifica com o fato de que a personagem Laila, que se torna deficiente visual, manipula seu companheiro Pierre num contexto de separação. A análise se ampara na proposta de Delcastagné, para quem a narrativa contemporânea já não é o lugar onde a “a noção de verdade é indiscutível”, em contraponto com a classificação analítica de narradores proposta por Gancho, que apresenta como característica do narrador personagem a visão limitada na narrativa e a do narrador observador as qualidades da onisciência e onipresença. Partindo da hipótese de que a narradora de *Turismo para cegos* se encaixa na forma de ser dos narradores contemporâneos, portanto não merecedores de crédito do leitor por serem intencionalmente apresentados como inverossíveis, a análise empreendida permite concluir que a narradora em questão foge à classificação tradicional, configurando-se com típica da narrativa contemporânea, que coloca em questão os limites aristotélicos da verossimilhança.

Palavras-chave: narrador-personagem, narrador contemporâneo, narrador onisciente.

1. INTRODUÇÃO

Turismo para cegos retrata o momento da vida de uma jovem professora de artes plásticas, Laila, que está passando por um processo de perda da visão, pelo desenvolvimento de uma retinose, doença incurável. Conforme a

cegueira vai se desenvolvendo, tarefas comuns vão tornando-se grandes desafios. Laila se envolve com Pierre, um funcionário público aparentemente sem interesses artísticos e ordinário, que irá cuidar dela. Comprometido a avivar o gosto de Laila pela vida, Pierre a leva a viagens. Impedido de realizar mais viagens devido à sua situação financeira, Pierre decide comprar um cão-guia para Laila ter mais liberdade na sua rotina. A história é narrada pela atendente do *pet shop*, onde o cão-guia é comprado, que acaba se tornando próxima de Pierre. O livro, porém, destoante do que o leitor pode esperar, não é a respeito de viagens que possam trazer alguns dias de alegria a uma moça cega; é sobre o rompimento desse relacionamento que não foi construído por meio do amor, de fato. No primeiro momento, a figura da protagonista, que, por ficar cega, perde a capacidade de trabalhar com aquilo que mais ama, pode nos causar empatia; porém, Laila subverte as expectativas e, apesar de ser vítima do seu corpo, é uma pessoa forte e manipula psicologicamente Pierre num relacionamento abusivo. Essa característica de Laila chama a atenção da vendedora do *pet shop*, que acaba espionando a vida do casal e se aproxima de Pierre para alertá-lo a respeito da situação humilhante na qual ele se encontra.

A narradora de *Turismo para cegos* é também personagem, como já foi possível observar. Porém, o que pode intrigar o leitor é que, às vezes, essa personagem se apresenta onisciente. Temos o ponto de vista de um indivíduo apenas, a narradora, mas ele nos mostra os pontos de vista de outras personagens por ser onisciente. O impasse na mente do leitor pode se constituir a partir do momento em que considera o romance de Montenegro, pelo menos à primeira vista, dentro de parâmetros realistas, com ponto de vista tipicamente testemunhal, rompendo-se, no entanto, essa expectativa sobre o relato, pois o indivíduo que nos apresenta o seu ponto de vista tem acesso às percepções, sentimentos e pensamentos de outros personagens. Nem sempre a narradora se apresentará onisciente e, no final, o impasse será intensificado, pois a narradora, nesse momento, perde totalmente a onisciência e começa a apresentar várias dúvidas a respeito de Laila, como uma personagem convencional, que não tem consciência de toda a história.

2. METODOLOGIA

O material que compõem o corpus desta

investigação é parte do romance *Turismo para cegos*, de Tércia Montenegro, escritora cearense. A análise do corpus foi realizada com base no confronto entre a tipologia tradicional sobre o narrador (GANCHO, 2002):

1. Narrador observador:

- a) sabe mais que os personagens;
- b) onisciente
- c) onipresente
- d) está fora dos fatos narrados
- e) apresenta ponto de vista imparcial

2. Narrador-personagem:

- a) narra em primeira pessoa
- b) participa diretamente do enredo como qualquer personagem
- c) não é onisciente
- d) não é onipresente

Foram selecionados alguns trechos em que a narradora apresentava características de narrador onisciente e trechos em que mesma narradora apresentava características de narrador personagem. Os trechos selecionados foram os que melhor exemplificavam a característica da narradora que pretendíamos destacar. Levamos em consideração que, para se enquadrar em algumas das categorias propostas por Gancho, a narradora não poderia apresentar nenhuma característica da outra categoria, pois as características dessas categorias são excludentes, se partirmos da noção de narrativa tradicional.

Após constatar que a narradora apresentava características de ambas as referidas categorias, partimos para a investigação de uma nova proposta para a classificação dessa narradora. Apropriamo-nos da noção de DELCASTAGNÈ de que a narrativa contemporânea não é mais o lugar da verdade indiscutível – há dúvidas, silêncio, intenções, traição - aplicamo-la à noção de narrador, esse processo resultou numa categoria de narrador: o

narrador à maneira da narrativa contemporânea, duvidoso, silencioso, cheio de intenções e traiçoeiro.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 A narradora-personagem onisciente

No início do livro, a narradora se apresenta como um personagem observador interessado na história do casal, Laila e Pierre. Observemos:

Alguns me chamam sensitiva por causa dessas habilidades, mas eu me considero apenas uma boa observadora. Quando o casal parou na esquina, por exemplo, apurei minha atenção. Reconheci o rapaz como funcionário de uma repartição pública, um tipo inosso que parece brotar nesses ambientes.

(MONTENEGRO, 2015, p. 13)

Nessa passagem a narradora se apresenta como uma personagem observadora e interessada na história do casal.

Na passagem a seguir, ela nos apresenta o momento em que foi apresentada à história. Pierre lhe conta os detalhes dos fatos: “Eu sorri, porque quando entrei na cafeteria nem sonhava que seria apresentada à história com tantos detalhes. O plano saía melhor do que eu tinha imaginado.” (MONTENEGRO, 2015, p. 14) Nessa declaração, também podemos constatar a curiosidade da narradora em relação à vida de Laila e Pierre, pois ela já havia planejado buscar mais informações a respeito da história.

Até esse momento, podemos construir a ideia de que um personagem nos recontará uma história que conheceu através de outro personagem, ordinariamente. Porém, no decorrer do romance, deparamos com momentos em que a narradora apresenta onisciência; ela demonstra que sabe além do que outro personagem lhe pudesse contar.

Ela agora repetia o movimento – sem deixar de enxergar as próprias mãos (duas manchas de carne afiladas, sobre o tampo, mas forçando os dedos de uma a tocar os da outra). Poderia segurar com uma mão apenas - mas, para levantar a xícara sem correr riscos, preferia agarrá-la daquele jeito.

(MONTENEGRO, 2015, p.26)

Nessa passagem, a narradora apresenta um momento em que não estava presente no local da cena, como personagem, mas tem ciência do que aconteceu, sendo que esse acontecimento somente Laila o experienciou, ou seja, a narradora está apresentando onisciência e onipresença.

Para GANCHO (2002, p.19), o narrador em terceira pessoa é aquele que

está fora dos fatos narrados, portanto, seu ponto de vista tende a ser mais imparcial. O narrador em terceira pessoa é conhecido também pelo nome de narrador observador e suas características principais são: a) onisciência: o narrador sabe tudo sobre a história; b) onipresença: o narrador está presente em todos os lugares da história.

Há um momento em que Laila perdoa Pierre sem dizer nada e sem que o próprio Pierre ou qualquer outra pessoa soubesse e a narradora tem ciência do acontecimento: “Laila continuou rindo, com alegria autêntica pela menção à viagem e também com o afeto súbito que ganhava Pierre. Ele não sabia, mas estava perdoado de suas intenções protetoras.” (MONTENEGRO, 2015, p.26) Podemos inferir que não foi Pierre quem contou isso à narradora, já que nem ele mesmo sabia, pois Laila não verbalizara nada.

Gancho nos apresenta outra importante característica do narrador observador: “(...) ele não apenas narra o que se passa com os personagens, mas também o que sentem; em outras palavras, ele sabe mais que os personagens.” (MONTENEGRO, 2015, p. 20)

A seguir é apresentado um exemplo da ciência da narradora dos pensamentos e intenções de Laila:

Desde o diagnóstico, ou até antes (...), Laila passou a ofender interiormente as pessoas que conhecia, embora nunca chegasse a verbalizar nada. Ninguém escapou, nem ela própria, que se criticou sob várias perspectivas, convencida de ser medíocre e fracassada. Odiou-se tanto quanto os outros, seus parentes, vizinhos e colegas, indivíduos que eram simples acúmulos de células, sem contribuição para o mundo.

(MONTENEGRO, 2015, p. 29)

A narradora também consegue nos apresentar o mundo percebido do ponto de vista de uma pessoa não vidente: “Laila ficou observando de perto aquelas silhuetas toscas e achatadas, de aparência rupestre. (...) Sua vista

esfumaçava a paisagem luminosa, e ela falava sobre o curso de artes, sobre seus passatempos e gostos, quase sem se mexer.” (MONTENEGRO, 2015, p.30) Podemos perceber que ela não somente tinha ciência dos sentimentos e pensamentos de Laila, como também era capaz de olhar o mundo a partir de seu olhar.

3.2 A narradora como um personagem convencional

Na primeira parte do livro, a narradora não nos apresenta muitas cenas em que esteja presente; são apresentadas principalmente cenas com a presença de Laila e Pierre. Por alguns momentos, podemos até pensar que ela é somente narradora observadora. É na segunda e terceira partes que o foco se volta sobre a narradora. Nesse momento, não temos muitas informações sobre a protagonista. Sabemos que ela fugiu com Bent, deixando Pierre, mas não temos muitas cenas em que Laila aparece; é o momento em que sabemos mais a respeito da narradora e a primeira pessoa é mais usada. Nesse momento, a narradora se apresenta sem a onisciência e sem as certezas. Segundo GANCHO (2002, p.21) primeira pessoa ou narrador personagem é aquele que participa diretamente do enredo como qualquer personagem, portanto, tem seu campo de visão limitada, isto é, não é onipresente nem onisciente.

Há um momento em que a narradora se esforça para fazer uma observação para que tome ciência do que estava acontecendo.

A adaptação inicial, a empatia, era muito importante: Aluísio explicava para Laila e Pierre, e eu tentava escutar, embora, não pudesse suspender o atendimento na loja. (...)Aluísio estava numa sala próxima e a porta ficara aberta, então eu podia ouvi-lo perfeitamente. Se me esticasse um pouco, veria um pedaço do labrador de pelo dourado.

(MONTENEGRO, 2015, p. 103)

Como um narrador que apresentava onisciência agora precisa se esforçar para ter acesso a informações a respeito dos personagens?

Outro momento em que a narradora apresenta um comportamento sem onisciência é quando Laila retorna ao apartamento de Pierre, depois de ter fugido com Bent. Nesse momento, a narradora apresenta muitas dúvidas no que diz respeito aos pensamentos de Laila:

Laila me aterrorizava. Por muito que eu ensaiasse uma transposição, com exercícios táteis e lenço tapando a vista, jamais conseguiria copiá-la integralmente. Ela sabia que eu mentira, por minha modulação de voz? Percebia o cheiro de pavor que eu soltava? Era capaz de me perseguir, como um animal rastreando a caça? “Preciso de dinheiro para o táxi”, ela disse, quebrando os raciocínios confusos que eu elaborava. “Sim”, falei, pegando a bolsa no cabide. Tirei duas células, segurei sua mão em torno do dinheiro e tive uma fisgada. Ela continuou parada, sem agradecer. Poderia fazer novas exigências, daí a um minuto poderia entrar e dizer que ficaria mesmo sem Pierre. Como eu iria contrariá-la? A história do táxi talvez fosse um teste: uma simples inquilina teria negado o dinheiro (...).

(MONTENEGRO, 2015)

A passagem apresenta um momento em que a narradora não sabe da percepção nem dos pensamentos da protagonista e teme que Laila a tenha reconhecido. Esse é um dos casos em que temos uma narradora personagem convencional, sem onisciência. Em outros momentos também é reforçado o papel da narradora como um personagem sem dons especiais. Além das incertezas já apresentadas, a partir da segunda parte do livro, há ainda a descoberta de outros traços humanos da narradora, pois ela nos apresenta seus sentimentos, relata sobre suas percepções, paixões, romances, maus sentimentos, etc. A cena a seguir mostra um caso de fingimento.

Eu não conseguia ter pena. Cheguei a pensar em me despedir, ainda que o assunto do cachorro não tivesse sido discutido e Pierre tampouco houvesse acabado a história. Mas teria que fingir empatia, se quisesse saber como aquilo terminava – portanto, coloquei minha expressão de vendedora simpática. (...)

(MONTENEGRO, 2015, p. 90)

Ela se expressa mais a respeito de si: “Eu estava destroçada a ponto de considerar elogioso receber palavras de um homem carente.” (MONTENEGRO, 2015, p. 148) “Fazia tempo que eu não recordava aquele homem, e nesse momento, olhando para Pierre, para suas grandes mãos desajeitadas, poderia dizer que existia uma semelhança entre os dois.” (MONTENEGRO, 2015, p.133)

É necessário observar que a narradora nutria uma admiração pelo comportamento de Laila e como essa admiração pode estar ligada à sua contraditoriedade. Um exemplo disso é

quando fala a respeito da força e da liberdade de Laila, comparando-a consigo.

Laila me intrigou: seu modo de abandonar o mundo, desprezando o visível (como fatalmente ocorria), indicava o contrário de meu ponto de localização. Estávamos em extremos, e cheguei a pensar que, apesar da doença, ela era muito mais livre. Tinha uma segurança no delírio, uma ânsia que jamais pratiquei (...).

(MONTENEGRO, 2015, p. 170)

Esse é um exemplo de expressão da admiração da narradora pela protagonista. Percebemos, mais à frente, surgir um desejo na narradora de assumir o papel de Laila.

Mas no lavatório não imaginei castelos ou bailes aristocráticos, como geralmente fazia num ambiente confortável. Fechei os olhos para sentir uns dedos pontudos me espalharem xampu – e então, num relance, acreditei que me tornava Laila. Estava escuro o suficiente para fingir que ficara cega (...).

(MONTENEGRO, 2015, p.191)

Esse anseio será realizado no final do livro: com a ausência de Laila, a narradora assume o seu papel, ficando com o seu namorado e agindo como se fosse cega. A cena final nos apresenta o seguinte:

Ele desfez a pose de estátua molhada e entrou de novo no banheiro. Percebi então meus óculos escuros e o rolo de esparadrapos sobre a mesa – *no centro da mesa* -, embora eu os estivesse guardado dentro da gaveta. Eu os coloquei sobre os olhos, como quando saía para os exercício em segredo. Esperei um pouco, sentada no sofá; depois Pierre me tocou no ombro. Vinha muito perfumado e, sorri satisfeita. Deixei que ele me conduzisse e chamei o cão, para que saíssemos os três. (Grifo da autora)

(MONTENEGRO, 2015, p. 220)

Essa cena ocorre depois que Laila retorna ao apartamento de Pierre e depois de ter ido embora com uma parcela de culpa da narradora, que esconde o fato de Pierre ainda morar ali. Nesse momento, a narradora usa todos os seus artifício para continuar ocupando o lugar de Laila. Com Laila presente, isso não seria possível.

Depois de tudo o que já foi apresentado a respeito da narradora, já podemos perder a confiança nela. Será que o que ela nos apresenta é mesmo um ponto de vista de um narrador onisciente ou é algo criado pelo ponto de vista de um

personagem que nutria muita admiração pela protagonista, a ponto de querer desempenhar o seu papel? O ponto de vista dela não é só mais um? Ela não criou uma Laila e um Pierre a seu gosto? Ela é mesmo onisciente? Será que ela não dissimula intencionalmente na narrativa? Afinal, a narrativa contemporânea não é mais o lugar da “verdade indiscutível”, como afirma DELCASTAGNÈ (2001, p.14):

Se podemos dizer que a narrativa contemporânea não é mais aquele lugar onde a “noção de verdade é indiscutível”, a que se referia Umberto Eco, é porque uma série de transformações sociais, políticas e históricas foram impulsionando homens e mulheres a duvidarem, a reconhecerem todo e qualquer discurso como um espaço traiçoeiro, contaminado de intenções, e de silêncios imperdoáveis.

Depois de percebermos as peripécias da narradora de *Turismo*, encontramos ferramentas para desconfiar dela. Começamos a refletir se ela tinha mesmo onisciência, se tudo não foi estratégia para convencer o leitor.

4. CONCLUSÃO

Podemos enxergar a narradora de *Turismo para cegos* sob duas perspectivas diferentes: como narradora onisciente e como um personagem narrador convencional. Ora a narradora de *Turismo* apresenta onisciência e onipresença – tendo conhecimento dos sentimentos, pensamentos e pontos de vista dos outros personagens, apresentando consciência de toda a história e tendo ciência de acontecimentos em lugares em que não estava presente – ora apresentando o comportamento de um narrador personagem com visão limitada, não onisciente, não onipresente.

À moda dos narradores contemporâneos, a narradora de *Turismo para cegos* é contraditória e as suas afirmações deve ser alvo de dúvida do leitor. Não há como darmos crédito a uma narradora cheia de mistérios, paixões humanas, que ora é onisciente, ora não é, e que anseia ocupar o lugar da protagonista. A Laila que nos é apresentada é mesmo a Laila “real”, ou essa protagonista é alvo de uma idealização? A protagonista também apresenta um comportamento contraditório, ora é forte, alegre e aproveita o momento, ora é introspectiva e depressiva. Não podemos acreditar muito no que a narradora diz de Laila. Há uma inveja da narradora em relação à Laila? Quando prestamos atenção na contradição dessa narradora, várias desconfianças começam a surgir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELCASTAGNÈ, Regina. **Personagens e narradores do romance contemporâneo no Brasil: incertezas e ambiguidades do discurso**. Diálogos Latinoamericanos, núm. 3, 2001, pp. 114-130. Dinamarca: Aarhus Universitet.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. 7ª ed. Editora Ática, 2002.

MONTENEGRO, Tércia. **Turismo para cegos**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.